



MULHER, MATERNIDADE E TRABALHO: IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL

Milena Loiola Alves¹

Thalissa Tatiane Alves¹

Fernanda Bicalho Pereira²

Pollyana Brandão Gomes³

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO: A realidade da família de classe média, a partir do século XX, sofreu mudanças em relação aos papéis desempenhados por cada um dos membros. No decorrer das últimas décadas, a mulher contemporânea vem incluindo novas funções ao seu estilo de vida, alcançando seu espaço no mercado de trabalho, antes só ocupadas por homens. A todos os níveis socioeconômicos, a mulher, pelos vários papéis que desempenha na sociedade, está mais vulnerável ao risco de perturbações mentais e comportamentais do que outras pessoas na comunidade. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar as mulheres que desempenham múltiplos papéis no seu cotidiano e apresentam sofrimento mental. **Metodologia:** Para a realização da pesquisa foi aplicado um questionário estruturado e validado chamado Teste: SRQ 20 – Self Report. Questionário que contém 20 perguntas. **Resultados e discussões:** Observou-se que 62,8% das mulheres apresentam sofrimento mental, enquanto 37,2% não apresentam. As mulheres estão tendentes a maiores jornadas de trabalho, nas quais dividem/sobrepõem necessidades profissionais e afazeres domésticos, flexibilizando o uso do tempo, o que leva ao sofrimento e/ou adoecimento psíquico. Assim, fica explícito os riscos à saúde mental da mulher decorrentes dos múltiplos papéis desempenhados e das várias situações estressoras às quais elas estão propensas durante a vida.

PALAVRAS CHAVES: Mulher; Maternidade; Trabalho; Saúde Mental.

1. INTRODUÇÃO

A partir do século XX, com a criação de novas técnicas científicas de controle de natalidade, o prazer passou a ser desejado além da procriação, estabelecendo um novo paradigma nas relações entre os sexos, tendo em vista que a perspectiva

¹ Acadêmicas do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX.

² Psicóloga. Mestre em Saúde e Enfermagem. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó

³ Psicóloga (UNEC). Mestre em Políticas Públicas. Professora do Curso de Psicologia Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.



do papel da mulher somente como esposa ou mãe foi abstraído (ROUDINESCO, 2003).

Essas modificações relativas ao papel da mulher, juntamente com sua ascensão profissional, a chegada da pílula anticoncepcional e o divórcio, cooperaram para a decadência do modelo tradicional familiar. A mulher que antigamente pouco escolhia, na atualidade, passa a livrar-se do determinismo biológico e social e entende-se como cidadã, ou ainda melhor, sujeita do seu desejo. Nos dias de hoje, cresce o número de mulheres chefes de família e as funções deliberadas a homens e mulheres não se associam mais à identidade sexual, mas sim as circunstâncias (FINELLI, SILVA, AMARAL, 2015).

Infere-se que concepções dos papéis que tradicionalmente foram delegados às mulheres e aos homens, procedem de um discurso social que naturaliza essas questões, qualificando o que cabe à mulher, como se fosse algo inato (MOZZAQUATRO, ARPINI, 2017).

Desse modo, a mulher deixou de ser coagida a desejar somente a maternidade. Como efeito ampliaram-se suas oportunidades de inserção no convívio social e laboral. Com a gravidez tardia, ela seria capaz de se dedicar a outras funções, como por exemplo, a de trabalhar (SARTI, 2007).

Tornou-se viável que elas conquistassem um lugar de sujeito de desejo, de maneira completa, e se fizessem atrizes políticas e personagens principais de suas próprias histórias. Apesar das muitas possibilidades, havia e ainda há no imaginário social uma idealização da maternidade como um valor pessoal e social (EMÍDIO, GIGEK, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002, p.31-32), “os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a autoeficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a autorrealização do potencial intelectual e emocional da pessoa”.

A todos os níveis socioeconômicos, a mulher, pelos vários papéis que desempenha na sociedade, está mais vulnerável ao risco de perturbações mentais e comportamentais do que outras pessoas na comunidade. Além de arcar com o fardo

de todas as responsabilidades de suas funções, as mulheres também enfrentam discriminação sexual e as concomitantes pobreza, fome, desnutrição, excesso de trabalho e violência doméstica e sexual. Sendo então um problema de ordem social e de saúde pública significativo (OMS, 2002).

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar se as mulheres que desempenham múltiplos papéis no seu cotidiano apresentam sofrimento mental.

Trabalhos como este são importantes pois o espectro de papéis que as mulheres desenvolvem influenciam diretamente em como a sociedade contemporânea é organizada, intervindo na saúde mental da mulher e conseqüentemente na saúde pública e coletiva.

2. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa é a atividade nuclear da Ciência que viabiliza uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa científica é o produto de um inquérito ou exame minucioso, elaborado com o objetivo de resolver um problema, explorando procedimentos científicos (SILVEIRA, CÓRDOVA, 2009).

A pesquisa descritiva busca a identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se associam ao fenômeno ou processo. A pesquisa descritiva contribui proporcionando novos olhares sobre uma realidade já conhecida (NUNES, NASCIMENTO, LUZ, 2016).

A presente pesquisa utilizou para estudo uma abordagem qualitativa, utilizando o método “bola de neve”.

Na pesquisa qualitativa, o fenômeno é mais bem entendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, tendo de ser considerado numa perspectiva integrada. O pesquisador busca nos estudos captar a compreensão das pessoas envolvidas no fenômeno, considerando todos os pontos de vista relevantes (GODOY, 1995).

2.2 Técnica de Coleta de Dados

Para a realização da pesquisa foi aplicado um questionário estruturado e validado chamado Teste: SRQ 20 – Self Report Questionnaire que contém 20 perguntas, feito no Google Forms, e propagado na plataforma online *Whatsapp*. O público pesquisado, terá como critério de inclusão mulheres que são mães e possuem um trabalho remunerado, acima dos 18 anos, residentes na cidade de Matipó. Foram excluídos da pesquisa todos os outros sujeitos que não se enquadrem nos critérios de inclusão citados acima. As pessoas ao qual o questionário foi inicialmente disseminado, foram mulheres do contato social das pesquisadoras.

Na pesquisa se utilizou da técnica Bola de Neve. Nessa técnica, o pesquisador indica as características que os membros da amostra deverão ter, em seguida define uma pessoa ou um grupo de pessoas congruentes aos dados necessários, aponta a proposta de estudo e solicita que participantes da pesquisa indiquem outras pessoas pertencentes à mesma população-alvo (COSTA, 2018).

Essa técnica foi escolhida pelo momento de pandemia da COVID-19, que estamos vivendo, considerando que ela nos permite pesquisar sem contato físico e de forma que possibilita alcançar o público-alvo.

Em relação a questões éticas de sigilo e confidencialidade foi requerido a autorização dos participantes através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) *online*, disponibilizado antes da apresentação do questionário.

3.3 Descrição dos Dados

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, com base na literatura sobre o tema, analisando os resultados do questionário aplicado.

3.4 Local da Pesquisa e sujeitos envolvidos



A pesquisa aconteceu por meio eletrônico, através de grupos do *Whatsapp*, os sujeitos envolvidos foram mulheres que são mães e possuem um trabalho remunerado, acima de 18 anos residentes na cidade de Matipó. A amostragem da pesquisa será de 43 pessoas.

Entre os métodos escolhidos para a minimização dos riscos estão em concordância o questionário para acesso via link, e as respostas foram sem identificação dos sujeitos, via formulário eletrônico, em seguida disponibilizadas via e-mail apenas do pesquisador.

Para a minimização dos riscos e incômodos a pesquisa foi rápida (com tempo máximo de 10 minutos para marcar o questionário). Os riscos envolvidos na pesquisa compreenderam o risco psicológico durante a aplicação do questionário, no qual o sujeito pode sentir-se desconfortável frente a algumas das questões, podendo não as responder, evitando assim esse risco psicológico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As mulheres estão tendentes a maiores jornadas de trabalho, nas quais dividem/sobrepõem necessidades profissionais e afazeres domésticos, flexibilizando o uso do tempo, o que leva ao sofrimento e/ou adoecimento psíquico (MACÊDO, 2020). Acrescenta-se a esse fato que as mulheres se dedicam mais as suas atividades, mesmo que as tenham a mesma carga horária que a masculina. Esse fato ocorre devido as mães precisarem atender as demandas impostas pela maternidade (MELO, CONSIDERA e SABBATO, 2013; SANTOS, 2018).

O Censo (2010), afirma que a inserção no mercado de trabalho da mulher está cada vez mais cedo, cerca de 48% das mulheres com 16 anos exercem alguma ocupação e possuem pelo menos um filho vivo. Esses dados vão em desencontro com o do presente estudo em que a faixa etária predominante foi de mulheres com mais de 35 anos de idade (49%), 25 a 35 anos (33%) e por fim menos de 25 anos (19%). Esses dados podem ser observados na Figura 1:

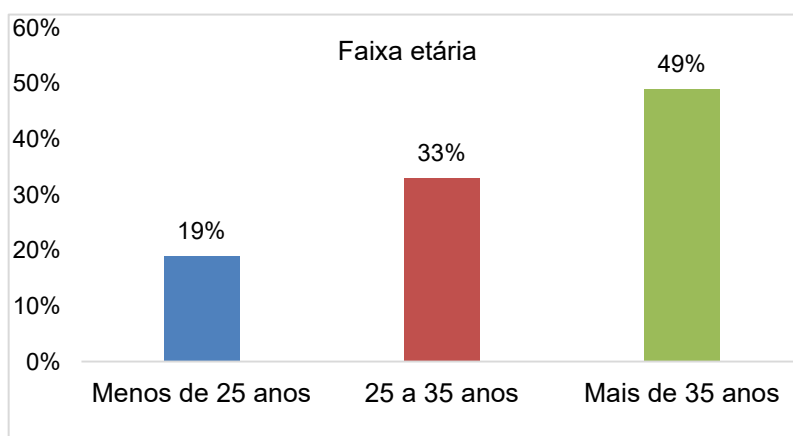


Figura 1: Faixa etária das participantes da pesquisa obtidas com o questionário aplicado. BRASIL, 2021.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Conforme as informações coletadas nos questionários, observou-se que 62,8% das mulheres apresentam sofrimento mental, enquanto 37,2% não apresentam, esses dados podem ser observados na Figura 2:

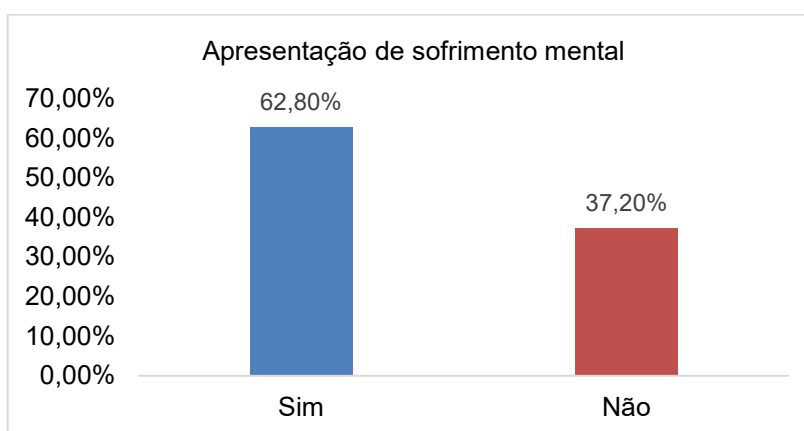


Figura 2: Porcentagem de respostas positivas e negativas referentes ao sofrimento mental obtidas com o questionário aplicado. BRASIL, 2021.

Fonte: Elaborada pelas autoras.



Assim, fica explícito os riscos à saúde mental da mulher decorrentes dos múltiplos papéis desempenhados e das várias situações estressoras às quais elas estão propensas durante a vida (VIANNA, DINIZ, 2014).

A maternidade é um papel social que gera mudanças marcantes na vida da mulher. Além das alterações que acontecem no corpo, há preocupações financeiras em relação aos filhos e modificações na rotina. Todos esses eventos podem ser considerados estressores significativos para a mulher e desencadear sintomas de transtornos mentais no pré e pós-parto (ALVARENGA *et al.*, 2018).

Em relação ao perfil sociodemográfico das mulheres participantes da pesquisa, observou-se que a maioria tem mais de 25 anos e possuem 1 ou 2 filhos, sendo apenas 14% com 3 filhos e 18,6% com menos de 25 anos.

O estudo de Alvarenga *et al.* (2012) apontou uma relação entre a depressão e ansiedade em mulheres e a quantidade de filhos. Observou-se que quanto maior o número de filhos, maior o número de sintomas relacionados aos transtornos mentais comuns.

Fato que também foi encontrado por Almeida *et al.* (2012), observando que mães com dois ou mais filhos tinham probabilidade maior para desenvolver transtornos mentais comuns.

O termo Transtornos Mentais Comuns é utilizado para descrever e avaliar sintomas dos quadros de depressão e ansiedade, mostrando-se como um conceito muito válido para este fim (SANTOS *et al.*, 2007).

Quando perguntadas em relação à responsabilidade dos trabalhos domésticos, 90,7% das mulheres apontaram ser elas as responsáveis. Macêdo (2020) ressalta que a responsabilidade pelo trabalho doméstico formal ou não, no Brasil, ainda é destinado às mulheres, enfatizando uma desigualdade entre os gêneros.

Apesar desse estudo não ser comparativo e todas as participantes trabalharem de forma remunerada, o trabalho de Thiengo *et al.*, (2012) aponta que o transtorno depressivo foi mais frequente em mulheres que tinham um trabalho remunerado, quando comparadas a donas de casa e estudantes.

Um dado interessante foi apresentado quando perguntado se o(a) companheiro(a) colabora nas atividades domésticas e na criação dos filhos, indicado no gráfico abaixo:

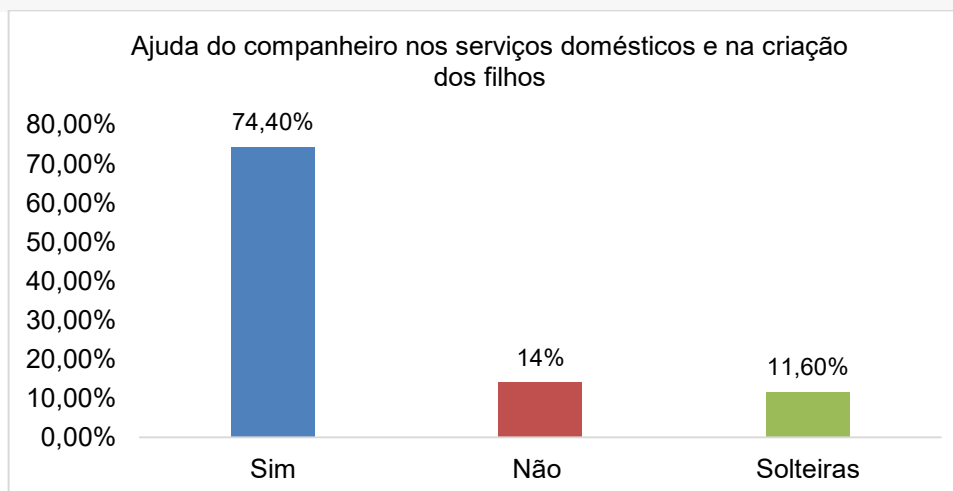


Figura 3: Porcentagem de respostas positivas e negativas referentes à ajuda do(a) companheiro(a) nas atividades domésticas e criação dos filhos obtidas com o questionário aplicado. BRASIL, 2021.
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Entende-se que o papel do(a) companheiro(a) ainda é visto como uma ajuda, retornando a ideia de que a obrigação principal é da mulher. Há uma naturalização da posição de subalterna da mulher na hierarquia da estrutura familiar tradicional, desencadeando exaustão por ter que prestar cuidados e ser responsável por todos os membros da família (SILVA *et al.*, 2019).

Nesse mesmo sentido Andrade, Praun e Avoglia (2020), ressalta que as tarefas domésticas não são praticadas pelos homens, sendo fruto da estrutura patriarcal que permeia em nossa sociedade, o que leva a certos homens até a nomearem o trabalho como “coisas de mulheres”.

O estudo de Bruschini e Ricoldi (2012), também aponta para o cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos como atribuições da mulher e não da paternidade, ressaltando a divisão sexual do trabalho.

A partir da aplicação do questionário Teste: SRQ 20 – Self Report Questionnaire, foi possível observar alguns sintomas de sofrimento mental sendo relatados por uma porcentagem alta de mulheres. Observe na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Porcentagem de respostas afirmativas referentes aos sintomas característicos de sofrimento mental obtidas com o questionário aplicado. BRASIL, 2021.

Perguntas

Sente-se nervosa, tensa ou preocupada?	88,4
Você tem dores de cabeça frequente?	58,1
Assusta-se com facilidade?	58,1

Fonte: Elaborada pelas autoras

Esses dados corroboram o estudo de Araújo; Pinho e Almeida (2005), que aponta que as mulheres apresentam taxas elevadas de sintomas de Transtornos Mentais Comuns (TMC). A maior ocorrência é de transtornos de humor depressivo/ansioso (nervosismo, tristeza, irritabilidade, choro) e sintomas somáticos (dor de cabeça, dor estomacal, insônia, perda de ânimo), como podemos observar na tabela 2.

Kerber, Falceto e Fernandes (2011), ressaltam a importância do apoio psicológico para as mães, para praticar o respeito por si mesma e pela criança que está gerando. Pois a maternidade pode afetar significativamente a saúde mental, causando transtornos na mãe e na criança, influenciando o meio em que vivem.

Tabela 2: Porcentagem de respostas afirmativas referentes aos sintomas depressivos obtidas com o questionário aplicado. BRASIL, 2021.

Perguntas	Sim (%)
Sente-se triste ultimamente?	53,5
Tem dificuldade para tomar decisões?	53,5
Sente-se cansada o tempo todo?	51,2

Fonte: Elaborada pelas autoras

Nesse estudo, também foram encontrados índices altos de sintomas somáticos como insônia (44,2%), falta de apetite (27,9%) e sensações desagradáveis no estômago (39,5%).

Em relação aos sintomas de humor depressivo/ansioso foi relatado que 48,8% das mulheres têm perdido o interesse pelas coisas e 32,6% tem chorado mais do que de costume.



Segundo as autoras Santos e Diniz (2018), as mulheres são mais acometidas por transtornos afetivos, ansiosos, dissociativos e alimentares que os homens, e que isso se deve ao fato de que tanto as condições orgânicas, quanto, principalmente, as realidades sociais nas quais as mulheres estão submetidas propiciam uma maior ocorrência de problemas psicológicos.

Em relação ao trabalho, 25,6% das mulheres apontaram que este causa-lhe sofrimento e 16,3% relatam serem incapaz de desempenhar algum papel útil em sua vida. A depressão acomete duas mulheres para cada homem e é a principal causa de incapacidade laboral (ANDRADE, VIANA e SILVEIRA, 2006).

O estudo dos autores citados acima, apresenta o suicídio como a segunda causa de morte de mulheres entre 15 e 44 anos, fato que não foi observado nesse estudo, já que 95,3% das mulheres relataram não ter tido ideia em acabar com a vida.

Sendo assim, percebe-se uma significativa prevalência de sintomatologias depressivas e ansiosas entre mulheres, mães e que possuem um trabalho remunerado.

Estudo de Morgan (2019), ressalta a importância da intervenção psicológica para prevenir e identificar de forma precoce possíveis transtornos mentais da mulher/mãe no período gestacional e após, principalmente na volta ao mercado de trabalho, que pode ser elaborado por uma equipe multidisciplinar, com uma equipe de psicologia da saúde e clínica e por meio de políticas públicas. Promovendo educação e não apenas reagir aos transtornos que podem ocorrer.

Santos (2014), traz dados semelhantes ao encontrados na presente pesquisa, mesmo com a evolução dos muitos anos e com novos paradigmas da mulher contemporânea. Foi colocado um ideal de mulher que seja capaz de buscar a sua independência financeira, valorização profissional, satisfação conjugal e sexual, além de ser capaz de cuidar do lar, filhos, ter uma boa rede social. Apesar dos avanços, ainda permanece a divisão tradicional, homem provedor e mulher cuidadora do espaço doméstico. A mulher mesmo trabalhando fora, o ambiente do lar é visto como seu direito e dever.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo, entende-se a necessidade de atenção dos profissionais de psicologia em relação à saúde mental da mulher. Essa atuação deve ser feita de maneira responsável, levando em consideração todos os aspectos circundantes e que afetam diretamente suas vivências.

Ressalta-se a importância de mais estudos que enfatizem de que modo a multiplicidade de papéis desempenhados pela mulher afeta sua saúde mental. E que a naturalização da posição subalterna da mulher na sociedade e na hierarquia da estrutura familiar tradicional seja combatida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. H. S. G.; VIANA, M. C.; SILVEIRA, C. M. Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. **Rev. psiquiatr. Clín...**, São Paulo, v. 33, n.2, pág.43-54, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000200003&lng=en&nrm=iso>

ARAUJO, T. M.; PINHO, P. S.; ALMEIDA, M. M. G. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.**, Recife, v. 5, n. 3, p. 337-348, set. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151938292005000300010&lng=en&nrm=iso>

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1967-2009.

BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLDI, A. M. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Rev. Estud.Fem.**, Florianópolis, v. 20, n.1, pág.259-287, abril de 2012. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100014&lng=en&nrm=iso>

CARTER, E. A.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 510p.

COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, 2018.

EMIDIO, T. S.; GIGEK, T. “Elas não querem ser mães”: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 186-197, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912019000200007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 25 ago. 2020.

FINELLI, L. A. C.; DA SILVA, J. L.; DE ANDRADE AMARAL, R. Trajetória da família brasileira: o papel da mulher no desenvolvimento dos modelos atuais. **Humanidades**, v. 4, n. 2, p. 52-60, 2015.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicol.estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, p. 31-38, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300005&lng=en&nrm=iso>.

Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2005). Crescendo menino ou menina: A transmissão dos papéis de gênero na família. In **A. Wagner**, *A transmissão dos modelos familiares* (pp. 107-121). Porto Alegre, RS: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 4, p. 917-928, 2014.

MALUF VMD. **Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea**. [Tese] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. 180 f

MALUF, V. M. D. MULHER, TRABALHO E MATERNIDADE: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA. **POLÊM! CA**, [S.I.], v. 9, n. 3, p. 170 a 180, mar. 2012. ISSN

1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2803>>

MOZZAQUATRO, C. O.; ARPINI, D. M. Planejamento Familiar e Papéis Parentais: o Tradicional, a Mudança e os Novos Desafios. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 923-938, Dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S141498932017000400923&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 ago. 2020.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; DE ALENCAR, M. A. C. Pesquisa científica: conceitos básicos. Id on **Line Revista de Psicologia**, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Saúde**. Lisboa: OMS, 2002.

REZENDE, G. C. V. **Fatores que influenciam as mulheres à maternidade: construto biopsicossocial ou escolha ética**. 2018. Disponível em: <http://cress-mg.org.br/hotsites/Upload/Pics/cc/cc1b4f7a-0f95-4eea-8602-75ce0fa17be9.pdf>

ROUDINESCO, E. (2003). **A família em desordem**. (André Telles, trad.). Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Editor**, 2003. p.199.

SANTOS, L. S.; DINIZ, G. R. S. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. **Psicol. clín...**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 37-59, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000100003&lng=pt&nrm=iso>.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. In: _____. **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez. 2007. p. 21-39.

Silva, M.A., Pereira, M.M.O., Antunes, L.G.R., Silva, F.D., & Castelari, M.C. (2019). Conciliando maternidade e carreira profissional: percepções de professoras do Ensino Superior. **Revista Vianna Sapiens**, 10(2), p.190-216.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TAVARES, J. D. O trabalho da mulher e a sobrecarga emocional. 2020.



VIANA, R. B., et al. Dilemas da maternidade das mulheres contemporâneas: revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 85, n. 23, 2018.

Vianna, C., & Diniz, G. R. S. (2014). Gênero, feminismos e saúde mental: implicações para a prática e pesquisa em psicologia clínica. In Zanello, V., & Andrade, A. P. M. (Orgs.). **Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade** (p. 81-106). Curitiba: Editora Appris.